

Quem sou eu? Quatro Perspectivas sobre o ἐγὼ de Romanos 7. 14-25

Carlos Dantas[1]

Resumo: O presente artigo tem como objetivo oferecer uma argumentação plausível acerca da identidade do “eu” de Romanos 7:14-25. Não dispomos de espaço suficiente para apresentarmos todas as visões existentes em torno dessa passagem e muitas delas acabam sendo variações de alguma visão predominante. Por isso, apresentaremos as visões que defendem a identidade do “eu” como sendo um regenerado, não regenerado e Adão. Em seguida, defenderemos a visão de que o ἐγὼ se refere a Israel e o apóstolo direciona sua argumentação para aqueles judeus que queriam conquistar a salvação por meio da observância da lei mosaica.

Palavras-chave: Novo testamento. Romanos 7. ἐγὼ. Identidade

Abstract: This article aims to offer a plausible argument about the identity of the “I” of Romans 7:14-25. We do not have enough space to present all the existing views around this passage and many of them turn out to be variations of some regnant view. Hence, we will present the views that defend the identity of the “I” as being a regenerate, unregenerate and Adam. Then, we will defend the view that ἐγὼ refers to Israel and the apostle directs his argument to those Jews who wanted to achieve salvation through the observance of the Mosaic law.

Key words: New Testament. Romans 7. ἐγὼ. Identity.

Introdução

A carta de Paulo aos romanos talvez seja a mais debatida de todo o Novo Testamento (NT). Há quase dois mil anos desde a sua escrita, muitos ainda se debruçam e escrutinam sobre sua origem, autoria, destinatários, ocasião, estilo, retórica e temas teológicos que o autor desenvolveu ao longo de sua narrativa. Essa carta também tem sido usada por Deus para providenciar salvação à pecadores durante a história da cristandade. Nomes conhecido na história como Agostinho, Lutero, John Wesley e de tantos outros que foram alvos do Espírito de Deus que usou as palavras do apóstolo inspirado para trazer transformação na

vida desses homens. Seria estranho se os cristãos da atualidade negligenciassem a leitura e o estudo aprofundado dessa carta uma vez que é percebido o impacto que ela produziu na vida de muitos e até mesmo na cultura como no caso da Europa do século XVI.

Diante desse fato e do valor inestimável que essa carta possui analisaremos, ainda que de forma breve, as principais visões em torno do capítulo 7 de Romanos. Essa é uma porção da carta que tem levado a intensos debates e disputas no meio acadêmico (JONES, 2001) e, conforme afirma N.T. Wright (2020, p. 168) “não há como negar que essa é uma passagem bem complicada”. Nesse sentido, nos encontramos diante de um dos capítulos mais disputados de toda a carta (SCHREINER, 2018) e que é alvo de muito escrutínio (LONGENECKER, 2016). Por isso, é válido chegarmos até ele com espírito de mansidão e cautela.

Ainda que nos aproximemos com esse espírito, a carta demanda do intérprete um posicionamento. Neutralidade não se torna uma opção quando o assunto é Romanos – especialmente o capítulo 7. A quem Paulo se refere quando usa pronomes na primeira pessoa do singular? É alguém regenerado? É um não regenerado? Seria uma referência a Adão e a toda humanidade, independentemente se é cristão ou não? Seria uma referência a Israel? Quem é esse homem miserável que clama no verso 24? É impossível neutralidade diante dessas perguntas que chegam de forma bastante natural quando lemos essa passagem. Precisamos voltar nossa atenção ao texto bíblico para verificarmos a identidade do ἐγὼ.

1. QUEM SOU ἐγὼ? UM REGENERADO

Essa visão tem sido amplamente defendida nos dias atuais como também encontramos apoio em diversos intérpretes durante a história da igreja. Agostinho acreditava que Romanos 7:14-25 fazia referência as lutas do judeu que vivia sob a lei e, portanto, incrédulo (HAHN, 2017). Porém, reconsiderou sua posição e passou a defender, em escritos posteriores, que a referida passagem deveria ser interpretada como uma referência a pessoas convertidas (KEENER, 2018). Nomes importantes do período da Reforma Protestante como Lutero e Calvino também argumentam em favor dessa visão (RAMOS, 2013). Em tempos recentes nomes conhecidos como John Murray, John MacArthur, Leon Morris e outros também são ávidos defensores da visão de que a passagem lida primariamente com um regenerado. Mas afinal, o que diz essa visão?

A posição que avalia a passagem de Romanos 7:14-25 à luz da vida cristã defende que a luta travada nestes versículos é, definitivamente, a luta de um verdadeiro salvo contra o

pecado que ainda habita nele e quer dominá-lo. Conforme afirma Stott (2007, p. 247) citando Cranfield a passagem retrata “vividamente o conflito interior que caracteriza o verdadeiro cristão, conflito este que só é possível em quem se encontra sob a ação do Espírito Santo e cuja mente é renovada sob a influência da disciplina do evangelho”. Essa análise individual e a percepção que o pecado está à porta só é possível porque já houve um trabalho inicial do Espírito e que agora habilita o crente a vencer seus desejos pecaminosos. Esse conflito é a evidência de que a pessoa descrita nessa passagem é verdadeiramente um regenerado (PATE, 2015). É uma batalha diária que não terá seu fim enquanto estivermos habitando neste corpo terreno[2]. Dessa forma a passagem apresenta, ainda que sucintamente, a luta de Paulo – e de forma ampla de qualquer regenerado – contra o pecado remanescente no homem interior. Segundo Schaeffer (2003, p. 190) "Paulo descreve a sua própria luta constante contra o pecado, mesmo depois de ter se tornado cristão". Para Keller (2017, p. 187) "Paulo expõe sua luta interior vivenciada por toda pessoa convertida". É por isso que podemos ler essa passagem e nos identificarmos com o apóstolo Paulo, pois, em certa medida, ele luta as mesmas batalhas que enfrentamos.

2. QUEM SOU ἐγὼ? UM NÃO REGENERADO

A visão do “eu” como não regenerado também possui vários adeptos, sejam eles eruditos e estudiosos do NT ou cristãos comuns. A história nos revelará que alguns dos pais da igreja acreditavam que o “eu” dessa seção seria uma referência a pessoa não regenerada e que, até mesmo Agostinho, defendia e defendeu esta visão por algum tempo (JONES, 2001). Para estes e outros que vieram em seguida, a seção de Romanos 7:14-25 utiliza-se de afirmações bastante esclarecidas e que não conseguimos harmonizá-las com a vida pós conversão. Eles defendem que essa passagem está descrevendo a luta do homem incrédulo que busca agradar e alcançar a justificação por meio dos seus próprios esforços diante de Deus. Quando alguém trilha esse caminho nunca conseguirá a salvação divina, ao contrário, descobrirá sua maldade, inabilidade e incapacidade de obter qualquer favor de Deus.

É dessa forma que Paulo analisa sua situação pré-conversão e que pode está sendo descrita em Romanos 7. Com sua mente renovada, o apóstolo olha para o retrovisor da sua vida e compreende melhor suas ações e procedimentos quanto ao seu zelo no judaísmo (SCHREINER, 2018). Romanos 7:14-25 não retrata a situação de Paulo no momento em que a carta fora escrita, mas relata sua situação de vida, pré-cristã, quando tentava alcançar justificação mediante sua obediência à lei. Assim, a história pregressa do apóstolo, analisada

sob uma ótica cristã, acaba sendo um modelo para todos aqueles que tentam cumprir a lei. (SCHREINER, 2018). A passagem alude algumas situações que favorecem a visão do não regenerado: a) há uma conexão muito forte do “eu” com a carne (v. 14, 18, 25); b) o “eu” é completamente vendido ao pecado (v. 14, 25) e seu prisioneiro (v. 23); c) a vida cristã é marcada por paz e não por conflitos dessa natureza; d) Cristo não aparece até o verso 25 e o Espírito não é mencionado; e) o grito de desespero do verso 25 se adequa a vida de um descrente (WILDER, 2011). Ao utilizar a primeira pessoa do singular o apóstolo aponta para a situação de qualquer incrédulo sob o poder do pecado (THIELMAN, 2018). Sua vida passada retrata a vida de muitos judeus contemporâneos à escrita do documento e que ainda estavam submersos nos ritos e nas leis judaicas com o objetivo de obter salvação. Conforme observado por Fitzmyer (1993) citado por Palmer (2017, p. 138) o uso do pronome “é um dispositivo literário usado para dramatizar de forma pessoal a experiência comum a todos os seres humanos não regenerados diante da lei e contando com seus próprios recursos para cumprir suas obrigações”. Em outras palavras, a experiência de qualquer incrédulo pode ser vista quando analisamos a experiência de pré-conversão do apóstolo[3].

3. QUEM SOU ἐγὼ? ADÃO

Esta posição defende que o “eu” que está sendo descrito em Romanos 7 refere-se à experiência de Adão no jardim e que, após a entrada do pecado no mundo, acaba sendo a experiência de toda a humanidade. A argumentação paulina acerca do “eu” como sendo uma referência a Adão faz sentido, pois encontramos alguns paralelos com o texto de Gênesis. Primeiro, o relacionamento do “eu” com a lei se assemelha a experiência de Adão no jardim. Era preciso que o primeiro homem criado por Deus guardasse o mandamento divino e preservasse o jardim conforme lhe fora prescrito. Segundo, quando o apóstolo menciona que “outrora, sem a lei, eu vivia” (Rm 7:9) seria uma referência a Adão desde o momento de sua criação até o dia em que Deus plantou uma árvore no jardim e lhe deu um mandamento expresso: “não comerás” (Gn 2:16-17). Terceiro, o mandamento citado por Paulo de “não cobiçarás” (Rm 7:7) seria uma alusão a Adão para que ele não comesse/cobiçasse o fruto proibido. Por último, tanto em Gênesis como em Romanos 7, a consequência do pecado é a morte. Paulo menciona que a desobediência ao mandamento, ocorrida pelo engano do pecado, gerou morte na vida do “eu” (Rm 7:11). Este é o retrato do pecado de Adão. A cobiça o seduziu e ele foi enganado pelo pecado. Como consequência, ele morreu e a morte passou a todos os homens.

Diante desses ecos elaborados pelo apóstolo Paulo, a experiência que vem em seguida, versos 14-25, é a experiência de todos os homens em Adão. Todo ser humano, independente se é regenerado ou não, experimenta essa batalha contra o mal que habita o seu interior. Com esse pensamento Schaeffer (2003, p. 182) afirma:

Devemos admitir, portanto, que estes princípios se aplicam a crentes da mesma forma que a incrédulos, como Paulo passará a explicar no capítulo 7. Depois que eu aceitei Cristo como meu Salvador, sou nascido de novo. Terei passado da morte para a vida [...]. Mas nesta vida presente não sou perfeito, e a batalha continua. Continuo sendo criatura racional e moral [...]. Por isso, enquanto toda a argumentação de Paulo no capítulo 7 certamente se aplica aos incrédulos, ela se aplica igualmente a mim e a todos os crentes.

Assim, o apóstolo argumenta a experiência do “eu” como sendo seduzido e enganado pelo pecado como a experiência de toda a raça humana. O pecado faz uso do mandamento divino e desperta em toda humanidade o “pecado que habita em mim” (Rm 7:17). Nesse sentido o escritor bíblico, segundo essa visão, tinha Adão em mente quando se utilizou da primeira pessoa do singular e relatou, através do relacionamento de Adão com o mandamento, a experiência de todos os homens depois dele. Adão, portanto, se torna a figura paradigmática do fracasso, queda e desobediência de todos os homens enquanto tentam guardar o mandamento divino.

4. ANÁLISE E POSIÇÃO PREFERIDA

Nosso objetivo, agora, é oferecer uma interpretação plausível de Romanos 7:14-25 à luz dessas três posições que consideramos majoritárias – regenerado, não regenerado e Adão[4]. No processo de análise dialogaremos com as posições até aqui descritas e tentaremos oferecer algumas críticas e contribuições ao assunto. Nossa abordagem analisará as características positivas e negativas do “eu” que culminará em nossa posição preferida e uma análise textual da passagem.

4.1 CARACTERÍSTICAS POSITIVAS DO ἐγὼ

Após este breve panorama, buscaremos identificar, por meio de pistas encontradas no capítulo 7, qual a identidade do “eu”. Não queremos colocar nossas impressões ao texto bíblico ou amordaçá-lo com o nosso sistema teológico pré-pronto (MOO, 2000). Com esta preocupação em vista é que propomos identificar as características positivas e negativas que

giram em torno do “eu” com o intuito de chegarmos a sua identidade. Essas características funcionam como pegadas que podemos seguir com o objetivo de encontrar a pessoa que as deixou. A primeira delas é que o “eu” sabe que a lei é espiritual (7:14). Este conhecimento a respeito da natureza da lei é importante e talvez jogue alguma luz para identificarmos a sua identidade. Não conseguimos encontrar evidências no Antigo Testamento (AT) e até mesmo no NT de pessoas pagãs ou descrentes afirmando que a lei de Deus, do Deus de Israel, é espiritual. Mas este reconhecimento é, por si só, suficiente para afirmarmos que o “eu” era um cristão salvo por Jesus e habitado pelo Espírito Santo? Certamente que não. Este conhecimento não torna esta implicação necessária. Contudo, saber que o “eu” dessa seção possuía um conhecimento do caráter espiritual da lei é importante para estabelecermos alguma relação dele com o Senhor. Que tipo de relação e como ele descobriu esse entendimento não é revelado nesse verso *per se*, mas analisando as partes do capítulo com o todo podemos chegar a uma conclusão plausível. A segunda característica positiva do “eu” é que ele reconhece que a lei é boa (7:16). A lei, em si mesma, nunca é o problema. Saber que ela é boa implica na terceira característica de que o “eu” quer fazer o bem (7:15b, 18b). É importante percebermos como esse desejo em praticar o bem estabelece, em certa medida, o relacionamento do “eu” com o caráter espiritual da lei. Por entender que ela vem de Deus e o Senhor não se assemelha a deuses feitos por mãos e imagens humanas, ele sabe que a lei foi dada por um Deus que não tem forma e que revelou sua boa vontade com a intenção que fosse obedecida. A grande questão é se o “eu” consegue obedecê-la. Por fim, a última característica é que ele tem prazer na lei de Deus (7:22) e, com sua mente, é escravo dela (7:25). Essa última característica é bem marcante. Ele sabe que tem prazer na lei de Deus. Ele a ama. Sabe do seu caráter espiritual e quer cumpri-la. Ele a tem na mente e se denomina como escravo dela. Esta última característica é bem marcante e realça como o “eu” a conhecia no seu íntimo.

Reconhecer e reafirmar em nossa análise bíblica esses aspectos positivos que giram em torno do “eu” é de extrema importância. Esse reconhecimento nos proporciona uma visão mais holística da seção e conseguimos verificar, a partir da análise dessas características, que o “eu” não parece apontar para a identidade de um não cristão. Conforme expomos a visão que defende o “eu” como não regenerado, fica bastante complicado sustentar esta posição diante de aspectos tão positivos da passagem. É estranho que um não regenerado venha reconhecer o caráter espiritual da lei de Deus, que queira fazer o bem cumprindo os

mandamentos e ainda afirmar que tem prazer na lei do Senhor e é escravo dela em sua mente. No entanto, a pergunta continua: se não se refere ao descrente, a quem o “eu” se refere?

4.2 CARACTERÍSTICAS NEGATIVAS DO ἐγὼ

De forma semelhante as características positivas, conseguimos identificar, ainda que de forma breve, quatro características negativas relacionadas ao “eu” dessa seção. A primeira delas pode ser encontrada quando o “eu” sabe que é alguém carnal, vendido à escravidão do pecado (7:14b). Parece que as trevas que circundam o “eu” é bem intensa de tal forma que ele se coloca como escravo e vendido. Esta percepção de si mesmo em relação a lei é bastante séria e se apresenta na contramão daquilo que Deus requer e até mesmo em oposição aquilo que o apóstolo já dissertou (Rm 6). A segunda característica é que ele faz o que detesta (7:15c, 19b). É interessante notarmos que o “eu” tem um padrão para julgar suas atitudes como detestáveis e maligna. O padrão já fora estabelecido nas características positivas e, quando suas atitudes são comparadas a isso, ele enxerga como elas são absolutamente contrárias a esse padrão. Ele quer fazer e reconhece a natureza honrosa do bem, contudo, falta-lhe força para concretizar a bondade. Ele conhece o bem, mas pratica o mal. Na terceira característica ele sabe que o pecado habita nele (7:17b, 20b, 21b). Esta é a razão fundamental pela qual ele não consegue fazer aquilo que é bom relacionado a lei de Deus. Ele continua escravo ao pecado que reside nele. O pecado ainda o domina e dita as regras das suas atitudes. Ele tem pleno conhecimento do “não cobiçarás” (7:7), mas na vida real, na prática, ele não consegue viver sem a cobiça. E por fim, ele reconhece que a sua situação é de escravidão ao pecado (7:25c). Essa é uma situação deplorável de alguém que conhece a lei de Deus, sabe o que é certo, mas não tem a força e o vigor necessário de praticar o bem. Que miséria!

Diante dessas características tão negativas, o leitor pode chegar à conclusão de que a identidade do “eu” se refere ao não regenerado. Todavia, essa não é uma implicação necessária. Como vimos na análise do ponto anterior, os aspectos positivos e combinados com outros trechos, não apontam para uma interpretação favorável do “eu” como um não regenerado. Assim, por mais que existam aspectos negativos e que pareçam apontar para a identidade do “eu” como um não regenerado, este deve ser balanceado com as características positivas para que possamos chegar a uma conclusão mais plausível. Se esta seção se refere ao descrente e, por conseguinte, a vida do apóstolo Paulo antes da conversão, é estranho conciliarmos a luta travada em Romanos 7:14-25 com outros trechos bíblicos (ex: Fp 3).

Aqueles que sustentam que esta seção se refere a vida de um regenerado, como vimos acima, parecem estar em maus lençóis diante dos aspectos negativos em torno do “eu”. É muito estranho que a identidade desse indivíduo seja um regenerado pois Paulo utiliza termos bem forte que são o oposto da descrição de um crente. Por exemplo, o apóstolo menciona que o crente goza de paz por causa da justificação recebida (Rm 5); eles morreram e ressuscitaram com Cristo para andarem em novidade de vida (Rm 6:4); o velho homem foi crucificado para que o corpo do pecado seja destruído (Rm 6:6); o pecado já não reina em suas vidas (Rm 6:12-13); não são escravos do pecado, pois foram libertos (Rm 6:17-18) e estão livres da lei (Rm 7:6). Seria esquisito que depois de afirmar estas maravilhas em relação ao crente o apóstolo afirmasse que eles ainda continuam “carnal, vendido à escravidão do pecado” (Rm 7:14). Conforme afirma Schreiner (2015, p. 122) "é um equívoco dizer que o texto é uma referência direta à existência cristã, pois a pessoa em questão é descrita como alguém que é 'vendido sob o pecado' (7.14) e cativo dele (7.23)". Para Westfall, em um artigo escrito na obra *Paul: jew, greek, and roman*, editado por Stanley Porter, afirma que (2009, p. 153)

As supostas descrições de Paulo de si mesmo como ‘vendido como escravo do pecado’ (v. 14), ‘prisioneiro da lei do pecado’ (v. 23) e ‘na natureza pecaminosa e escrava da lei do pecado’ (v. 25) contradizem diretamente o co-texto circundante onde Paulo falou explicitamente aos leitores que, como Cristãos, eles foram libertos do pecado e se tornaram escravos da justiça (6.18, 20-22; 7.4-6). É insustentável que Paulo represente os leitores como livres do pecado, mas então descreve a si mesmo como ainda na escravidão.

Assim, a posição que considera essa seção como uma referência à vida cristã precisa oferecer boas razões exegéticas para interpretar termos como “escravo”, “vendido”, “carnal” e “prisioneiro” como sendo aplicada a vida dos cristãos/regenerados. Portanto, afirmar que o “eu” é uma referência direta ao cristão regenerado não parece fazer justiça ao entendimento da passagem e oferece mais dificuldades interpretativas do que seus proponentes afirmam.

Devemos observar ainda no grito de desespero desse "eu" miserável em 7:24 que ele não sabe o nome do salvador, ou seja, aquele que pode libertá-lo (KEENER, 2018). Se a referida passagem relata a experiência de um cristão e, por consequência a vida do apóstolo Paulo e de qualquer cristão, é bastante controverso não encontrarmos aqui uma referência explícita ao nome do libertador pela boca do "eu". A questão não é que ele não esteja pronto para reconhecer e gritar por Jesus, mas parece que ele não o conhece. Nesse sentido, segundo

Jae Hyun (2010, p. 367) "é difícil considerar a descrição do 'eu' em Romanos 7:14-25 como a experiência cristã". Uma outra observação é a ausência da expressão ἐν Χριστῷ muito utilizada pelo apóstolo Paulo (JONES, 2001). É bem provável que o autor queira enfatizar que o "eu" descrito nessa seção não está ἐν Χριστῷ (na esfera de Cristo), mas ἐν σαρκί (na esfera da carne). Se esta é a razão, também conseguimos explicar a ausência do Espírito Santo em toda essa seção.

Então, se a passagem não retrata a experiência do cristão/regenerado e nem a experiência de qualquer pessoa não regenerada, seria um meio termo afirmarmos que se refere a humanidade em geral? É bastante provável que a passagem também não se refira a humanidade em geral e duas razões são suficientes para contrapor a proposta de que o "eu" dessa passagem refere-se a Adão e, por conseguinte, a toda a humanidade. Primeiro, conforme afirma Keener (2018, p.136) "quase toda a ação narrativa em Romanos 7.7-25 é subsequente à vinda da lei (7.9), e não anterior a ela". Segundo, Paulo é bastante cuidadoso, até mesmo na presente epístola, quando vai estabelecer relacionamentos com personagens do passado. Em 4:12 ele menciona Abraão e em 9:7-8 Isaque, situando o leitor no tempo histórico dos eventos. Em 5:14 Paulo menciona Adão e situa os destinatários com a afirmação "Entretanto, reinou a morte *desde* Adão *até* Moisés" (ênfase nossa). Além de estabelecer o paralelo entre Adão e Cristo, há uma distinção temporal bastante explícita entre Adão e a chegada do mandamento permitindo ao intérprete situar a narrativa dentro da história da salvação – de Gênesis até o NT. No entanto, quando analisamos Romanos 7 não identificamos essa distinção temporal do "eu" como Adão em comparação a lei. Por mais que pecado e morte sejam temas de Romanos 7 e que eles possam remontar em alguma medida a Adão, especialmente porque isso fazia parte da estrutura antropológica judaica, não gera uma implicação necessária de identificarmos o "eu" dessa passagem com Adão. Vale ressaltar ainda que Paulo deixa claro que o mandamento usado pelo pecado para trazer morte foi o "não cobiçarás". Esse mandamento, que foi dado a Moisés, parece aludir mais ao evento do período da aliança no Sinai do que à Adão no jardim. Portanto, é estranho que o "eu" seja uma referência à humanidade de forma geral, pois a lei mosaica não foi dada a todos indistintamente, mas a um povo específico. Diante de tudo isso, se a identidade do ἐγὼ não se refere ao não regenerado, regenerado e até mesmo a humanidade em geral, a quem se refere?

5. QUEM SOU ἐγὼ? ISRAEL, COM ÊNFASE NOS JUDEUS QUE QUERIAM CONQUISTAR A SALVAÇÃO PELA OBSERVÂNCIA DA LEI

Escolher uma posição dentre as posições existentes não significa negar em absoluto algum ponto oferecido por estudiosos acerca dessa passagem. Por exemplo, concordamos em absoluto quando intérpretes dizem que o crente trava uma luta séria contra o pecado e que essa batalha só se encerrará quando o seu corpo estiver glorificado. Isso é uma verdade que deve ser defendida com unhas e dentes. O ponto exegético que estamos colocando é se essa passagem de Romanos 7 sustenta essa e outras interpretações que analisamos acima. Precisamos encontrar uma interpretação não somente em termos de possibilidade, mas também em termos de viabilidade. O que queremos dizer com isso é que as posições expostas nos capítulos anteriores – regenerado, não regenerado e Adão – se apresentam como interpretações possíveis, mas não se enquadram como viáveis. É diante desse cenário que a visão que enxerga o $\epsilon\gamma\omega$ como sendo uma referência a Israel, com ênfase aos judeus que queriam conquistar a salvação pela observância da lei, parece fornecer argumentos mais consistentes quando lidamos com essa seção da epístola. Nossa proposta é oferecer esses argumentos e compará-los com o que temos visto até o momento.

Paulo é claro ao afirmar que está dirigindo sua argumentação aos que conhecem a lei (Rm 7:1). Esta é uma referência aos seus leitores judeus. Ao convidar sua audiência a refletirem no que ele argumentará é certo que eles não devem tomar a experiência do “eu” como sendo a de cada indivíduo indistintamente. Os leitores de Paulo facilmente poderiam atestar, pela revelação do AT, que essa experiência do “eu” não bate com a experiência de Israel como um todo quando a lei foi dada. Ao contrário, quando ela foi dada muitos já haviam se inclinado para adorar um bezerro de ouro (Ex 32). Por outro lado, a experiência do “eu” nesse trecho da epístola se alinha com a experiência de alguns israelitas que, com as evidências que temos no AT, conseguimos conciliar com as características positivas e negativas percebidas nesse tópico.

O salmo 119 é uma poesia magnífica e que traz à tona a excelência da lei de Deus. Esse salmo também é importante porque podemos perceber como os israelitas consideravam a lei de Deus como divina. O salmista usa termos como lei, prescrições, mandamentos, preceitos e afirma que ela é do Senhor (Sl 119:1, 4, 5, 11, 12, 15, 92). Ele também menciona que nela tem prazer (v. 16). Um judeu/israelita temente não teria problema em afirmar a origem divina da palavra e nem que nela tem prazer. Isso se alinha perfeitamente aquela postura do “eu” quando afirma que ela é espiritual e que nela tem prazer (Rm 7:14, 22). A experiência de um judeu temente e piedoso para com a lei é essa: “quanto amo a tua lei! É a minha meditação, todo dia!” (Sl 119:97). Ele a ama. Sabe que ela é boa e que o guia em

caminhos tenebrosos (v. 105). Ele a estima e lhe atribui pureza acima de qualquer coisa (v. 140). É por isso que o “eu” de Romanos sabe que ela é espiritual; que é boa; que quer agradar a Deus fazendo o bem e que nela tem prazer. Um judeu também não teria problemas em admitir suas fraquezas e a do seu povo quando o assunto é pecado. Esdras nos apresenta sua situação de humilhação ao arrancar os cabelos da cabeça e da barba e de ficar sentado atônito diante da transgressão (Ed 9:3-4). O capítulo 9 de Esdras oferece uma confissão bastante pormenorizada e de como autor, ainda que amante da lei de Deus, se apresenta junto com outros homens que tremiam diante das palavras do Deus de Israel (v. 4a) como pecador. De forma semelhante, ao contemplar a santidade de Deus, Isaías se vê em uma situação de perdição e reconhece que não somente vive em uma comunidade que peca contra Deus, mas que ele mesmo possui lábios impuros (Is 6:5). Observado os respectivos contextos é interessante notarmos um aspecto de semelhança entre Romanos 7 e Isaías 6: o grito de perdido. É o grito de alguém que reconhece seu estado de calamidade ante a verdade divina. Assim, como podemos atestar por meio dessas passagens do AT, não há problemas para um judeu temente em reconhecer a origem divina da palavra e nela ter prazer, ao passo que também faz confissões pessoais do seu próprio pecado diante de Deus. Essas atitudes se alinham com o que percebemos das características positivas e negativas que giram em torno do “eu” de Romanos 7, enquanto as demais visões não conseguem mantê-las em equilíbrio. Diante desses dados é possível e viável concluirmos que o “eu” seja uma referência a Israel, mas analisada sob a óptica renovada de Paulo. Mas porque a linguagem dessa seção de Romanos é tão diferenciada e mais vívida do que dos homens piedosos e tementes do AT?

O apóstolo Paulo era um homem bastante eloquente e versado em sua cultura. Ele era um judeu típico e comum do seu tempo, ao passo que se distanciava sobremaneira dos demais. Ele era rigorosamente obediente aos preceitos de Deus e não negava sua identidade como herdeiro: “circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim. Hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça de há na lei, irrepreensível” (Fp 3:5-6). Jesus Cristo transformou esse homem em um apóstolo dos gentios e ele foi usado para proclamar as boas novas da salvação. Durante a história da salvação a lei foi usada de forma ilegítima pelo pecado que despertou nos homens tudo aquilo de ruim. É bem provável que o propósito dessa seção é vindicar a lei de qualquer comentário que ela seja, em si mesma, pecaminosa bem como evidenciar a sua força, analisada de forma negativa, por causa do pecado, na história da salvação (MOO, 2018). Em outras palavras, Paulo está fazendo uma apologia da Torá para corrigir qualquer pensamento

de que ela é pecaminosa (Rm 7:7) ou que ela havia se tornado em morte (Rm 7:13) diante das afirmações que ela havia feito anteriormente (BIRD, 2016). Com esse objetivo o apóstolo faz um apanhado histórico desde quando a lei foi dada no Sinai e explica o mau uso que o pecado fez dela.

Esse apanhado começa evidenciando que houve um período em que Israel vivia sem lei (Rm 7:9). Esta referência alude bem ao período de Adão até a libertação do Êxodo. Neste período, Deus não havia revelado seus preceitos de forma tão clara a toda a nação. No Sinai, Deus entrega e registra sua vontade em tábuas de pedras. Com esta revelação, por causa do pecado, o apóstolo escreve que esta experiência é vista de forma negativa pois a cobiça do povo foi exposta à luz (v. 7). A lei é boa, santa e justa. Não há nada de errado com ela. O problema é o pecado, que habita no homem, e faz mau uso desse dispositivo legal. Em nossa seção de análise, versos 14 a 25, o apóstolo menciona a experiência da nação, com foco especial nos judeus tementes e piedosos como vimos acima, utilizando a primeira pessoa do singular de modo tão vívido, eloquente e poderoso que traz os seus leitores judeus para dentro desta experiência. Esse uso da linguagem como um artifício retórico, bastante comum no contexto greco romano, convida a audiência paulina a participar e a interagir com o texto. Augustus Nicodemus (2019, p. 527) exemplifica bem esse uso quando afirma que

É muito fácil perceber como isso funciona. Aqui está um exemplo muito simples: enquanto estou expondo um texto, noto que o nível de atenção dos ouvintes é x; quando digo 'eu' e começo a narrar uma experiência pessoal, os olhos começam a se abrir e vejo as cabeças se levantando. Por quê? Porque vou contar alguma coisa sobre mim. Esse artifício literário de usar marcadores de primeira pessoa, como o 'eu', tem por objetivo engajar a audiência, ainda mais no caso de Paulo, que se dirigia a um público judeu, sendo ele mesmo também judeu.

Westfall, em um artigo escrito na obra *Paul: jew, greek, and roman* (2009, p. 157) afirma que

A função de ἐγὼ nesta passagem é mais consistente com o uso retórico. A mesma informação poderia ter sido escrita na terceira ou segunda pessoa. No entanto, o uso da primeira pessoa cria mais envolvimento interpessoal do que a terceira pessoa e é menos conflituoso do que a segunda pessoa. O autor escolhe o tempo presente para gramaticalizar um conjunto de ações que envolvem um círculo vicioso de pecado e fracasso e o estado de ser escravo do pecado.

Assim, conseguimos perceber que Paulo, como um judeu temente, piedoso, zeloso e irrepreensível, como de fato ele era, analisa a sua vida, em solidariedade com outros judeus,

em relação a lei (MOO, 2000). Essa análise, elaborada com o uso da primeira pessoa, traz aos seus leitores uma realidade retórica e literária impressionante que, até hoje, discutimos e pensamos sobre ela. O uso na primeira pessoa do singular reflete vividamente a experiência de um grupo ou classe de pessoas de tal forma que é enfatizado as suas lutas para com a guarda da lei e como este grupo, personificado pelo “eu”, é incapaz de cumpri-la (BIRDE, 2016). Diferente dos autores do AT, a análise paulina é bem mais profunda por causa da revelação de Cristo que inundou e transformou sua percepção de lei, pecado e graça.

6. ANÁLISE SINTÁTICA DE ROMANOS 7:14-25[5]

Diante da exposição e das boas evidências acima do “eu” como uma referência a Israel com ênfase especial aos judeus que queriam alcançar salvação por meio da observância da lei, passaremos analisar o texto de Romanos 7:14-25 apresentando como a perspectiva defendida nesse trabalho é coerente com a passagem. O verso 14 é marcado por dois verbos no perfeito que aludem para o estado do ἐγὼ. O “eu” é alguém que sabe (Οἶδαμεν) o caráter espiritual da lei e que é vendido (πεπραμένος) ao pecado. Duas conjunções, “pois/porque” (γὰρ) e “porém/todavia” (δὲ), nos ajudam a estruturar o versículo e apontam para duas ações: uma vista de modo positiva (sei que a lei é espiritual) e outra de modo negativa (sou vendido). O texto ficaria como visto abaixo.

Positivo

Negativo

Οἶδαμεν γὰρ ὅτι ὁ νόμος πνευματικός ἐστὶν ἐγὼ δὲ Ἰσάρκινός εἰμι, πεπραμένος ὑπὸ τὴν ἁμαρτίαν.

O particípio πεπραμένος parece funcionar como um complemento do substantivo σάρκινός. Se é assim, o substantivo “carnal” é desenvolvido ou complementado com a expressão “vendido a”. O versículo de número 15 inicia com um γὰρ (pois/porque) e apresentará algumas consequências negativas que foi colocada sucintamente na expressão “δὲ Ἰσάρκινός εἰμι, πεπραμένος ὑπὸ τὴν ἁμαρτίαν”. Seis verbos são mencionados nesse versículo e descrevem a ação no presente: compreendo, agir, faço, preferir, detesto, faço. Os últimos dois verbos (detestar e fazer) são colocados de forma contrastivas através da conjunção ἀλλ’ (mas). Ou seja, o “eu” sabe e reconhece que quer agir de modo correto, mas não consegue. O verso 16 inicia com uma situação hipotética através da conjunção εἰ (se). Essa situação é descrita com três verbos no presente (quero/desejo, faço, consinto). Assim, se o “eu” sabe que

quer fazer o bem e reconhece a natureza espiritual da lei, mas não consegue praticar o bem, logo, a lei não é o problema. Iniciando o versículo com uma cláusula condicional (se) o apóstolo convida seus leitores a concordarem com essa situação com o objetivo de livrar a lei de qualquer acusação infundada e errônea. É nesse sentido que o verso 17 é importante e vem logo em seguida com um advérbio (νυνὶ) mais conjunção (δὲ). A conjunção nos ajuda a perceber o desenvolvimento do argumento do versículo anterior onde, agora, o “eu” é colocado contra a parede. Dois verbos no presente nos ajudam a perceber isso. O primeiro (κατεργάζομαι) coloca o ἐγὼ realizando a ação contrária aquilo que ele quer. Se ele não quer desobedecê-la, como visto acima, mas na prática é isso que ele faz, de quem é a culpa? É aqui que entra o segundo verbo (οἰκοῦσα) colocado ao lado de uma conjunção adversativa (ἀλλὰ). O pecado que habita/mora/reside nele o induz, de forma servil e escrava, a praticar aquilo que ele não quer. Essa é uma descrição vívida e chocante apresentada pelo apóstolo para descrever o relacionamento do judeu com a Torá. Eles fizeram a pergunta errada (é a lei pecado?), ainda que seja logicamente possível. Paulo tem descrito até aqui a derrota moral e a incapacidade dos judeus de cumprirem a lei.

O versículo 18 é o terceiro verbo (οἶδα), em toda essa seção, que vem no perfeito. Essa ação aponta para o estado do sujeito. Ou seja, o “eu” é alguém que está em estado de saber e reconhecer alguma coisa. E o que ele sabe? Quatro ações no presente são mencionadas nesse verso (habita, desejo/quero, estar perto/próximo/à mão, efetuar). Ele tem ciência do pecado no seu interior, do desejo de querer o bem que está próximo a ele, porém (δὲ) não tem forças para concretizar aquilo que sabe e deseja. O verso 19 corrobora com o verso 18 e inicia com a conjunção γὰρ funcionando de forma explicativa. Duas ações procedem a explicação do γὰρ (porque) e são colocadas de forma negativa, enquanto outras duas são colocadas de forma contrastiva pela conjunção ἀλλὰ (mas). O “eu” não faz aquilo que quer fazer. Ele até consegue racionar corretamente sobre o querer fazer o bem, mas (ἀλλὰ) não consegue praticar aquilo que sabe. O verso 19 inicia com outra estrutura condicional através da conjunção εἰ (se) seguida da conjunção δὲ que desenvolverá a hipótese. A hipótese lançada pelo apóstolo é colocada em termos simples e bem semelhante a que já foi colocada no verso 16. Quatro ações no presente descrevem a hipótese, sendo a última colocada de forma adversativa (ἀλλὰ) pelo escritor. Em outras palavras, se (εἰ) o “eu” (ἐγὼ) faz (ποιῶ) aquilo que não quer (θέλω), quem o leva a fazer aquilo que não quer? Novamente a conclusão da hipótese é precedida pelo “mas” (ἀλλὰ) para trazer força a hipótese paulina. Quem faz com que ἐγὼ pratique aquilo que não quer fazer é o pecado

(ἁμαρτία). O versículo 21 segue a mesma tônica e apresenta o mal como o problema fundamental do “eu”. Quatro ações no presente fundamentam essa conclusão: encontro, querer, fazer, reside. O desejo do “eu”, descrito por Paulo, é de fazer (ποιεῖν) o bem. Que bem é esse? É certo que essa expressão se equipare a cumprir ou observar a lei, já que ela é boa. O bem seria a prática do bom. Porém, ao querer observá-la o “eu” se depara com o mal que reside no seu interior. O mal, nesse contexto, é a prática daquilo que é contrário à lei. A prática do bem é bastante clara na mente do eu, mas a prática do mal é que prevalece no final das contas. O verso 22 é marcado por uma ação no presente bastante chocante por tudo que foi dito sobre o ἐγὼ. É dito que o “eu” se deleita ou tem prazer (συνήδομαι) na lei de Deus. É chocante porque uma coisa é você saber, outra é ter prazer e se deleitar no seu interior. A conjunção “porque” (γὰρ) parece fortalecer a ideia de que na sua mente e no seu interior ele deseja e ama o bem. Ele quer praticá-lo. Aqui, ele fundamenta a razão do seu desejo pela lei, que é o bem que ele deseja praticar. Porém, o verso 23 destrói o desejo do “eu”. A conjunção δὲ funciona aqui como esse marcador de contraste e ajuda a desenvolver as ações negativas em torno do “eu”. Essa outra lei parece apontar para o pecado no seu interior que guerreia contra o bem. Nessa batalha o pecado vence e faz com que o “eu” seja prisioneiro/cativo (αἰχμαλωτίζοντά). O versículo 24 é mais do que esperado diante de todo o discurso. O “eu” e as ações negativas que os cerca são colocadas em um tom bastante sombrio. Não há luz no fim do túnel, ou há, mas deve-se esperar um pouco para ser apresentada. Portanto, o “eu” se vê sem saída e clama por libertação. Ele pergunta se existe alguém que possa livrá-lo dessa condenação. Ele está em um ciclo vicioso de queda, escravidão e miséria. A primeira parte do versículo 25 aponta a saída e a única esperança para esse “eu” miserável e perdido. Paulo sabe quem pode libertar esse “eu”, mas falará dessa libertação no capítulo 8. O apóstolo continua e afirma que o “eu” é escravo/servo (δουλεύω) da lei de Deus. Esta afirmação é coerente com tudo que foi exposto até aqui. É certo que ele é escravo da lei de Deus, pelo menos em sua mente, pois o apóstolo argumentou que, com a mente, o “eu” quer o bem, quer praticá-lo e tem prazer na lei de Deus. Porém (δὲ), na sua carne, ele é escravo da lei do pecado. Assim, a descrição desse judeu é bastante miserável e sem perspectiva alguma de salvação mediante a guarda da lei.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que o “eu” de Romanos 7:14-25 diz respeito a Israel com ênfase a judeus que queriam conquistar a salvação por meio da observância da lei. Paulo dedica essa seção para mostrar que nenhum Judeu, desde a entrega da Torá, conquistou a salvação por meio dela. Antes, a Torá revela o pecado do coração e evidencia o quão escravos e miseráveis os judeus eram. Paulo, como um judeu piedoso que era, ao olhar para o passado, apresenta como era sua vida e de outros judeus vivendo debaixo da lei. Ao se colocar em solidariedade com seu povo, ele descreve uma situação triste de escravidão e, juntamente com a má notícia, apresenta a boa notícia: graças a Deus por Jesus Cristo (Rm 7:25a). Essa compreensão tem aplicações universais para todo aquele que busca salvação por meio do seu próprio esforço. Paulo é enfático quando afirma que ninguém será justificado diante de Deus por meio de obras (Rm 3:20). O entendimento correto do “eu” deve gerar em todos os cristãos contrição, temor, gratidão e alegria em saber que “a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte” (Rm 8:2).

REFERÊNCIAS

AZAR, Michael. **The law and new life in rom 7:1-6**: eastern-western dialogue and romans. In DESPOTIS, Athanasios. Participation, justification and conversation: eastern orthodox interpretation of Paul and the debate between “old and new perspective on Paul”. Disponível em:

https://www.academia.edu/39827024/The_Law_and_the_New_Life_in_Romans_7_1_6_Eastern_Western_Dialogue_and_Romans_in_Participation_Justification_and_Conversion_Eastern_Orthodox_Interpretation_of_Paul_and_the_Debate_between_Old_and_New_Perspectives_on_Paul_WUNT_442_ed_Athanasios_Despotis_T%C3%BCbingen_Mohr_Siebeck_2017_247_76. Acesso em 11 de março de 2020.

ATHYAL, Jesudas. **Paul's epistle to the romans**: a study in the indian context. Disponível em https://www.academia.edu/37272187/Epistle_to_the_Romans_Article_pdf. Acessado em 11 de março de 2020.

BARTH, Karl. **Carta aos romanos**. 11ª Edição. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.

BIRD, Michael. **Romans**: the story of god bible commentary. ePub Edition. Michigan: Zondervan, 2016.

BRUCE, F.F. **Romans**: an introduction and commentary. ePub Edition. 2ª Edição. Nottingham: Inter-varsity, 1985.

CALVINO, João. **Romanos**. São Paulo: Fiel, 2014.

CAMPBELL, D.H. The identity of ἐγὼ in romans 7:7-25. **Journal for the study of the new testament**. ePub Edition. Oxford, abr. 1980. Suplemento 3, p. 57-64.

CARSON, D.A; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao novo testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CRANFIELD, C.E.B. **On romans**: and other new testament essays. ePub Edition. Edinburgh: T&T Clark, 1998.

DECKER, Rodney. **Reading koinê greek**: an introduction and integrated workbook. Michigan: Baker Academic, 2014.

DEENICK, Karl. **Who is the ‘i’ in romans 7:14-25?** Disponível em https://www.academia.edu/8413105/Who_is_the_I_in_Romans_7_14_25. Acessado em 11 de março de 2020.

DOCKERY, David. **Romans 7:14-25**: pauline tension in the christian life. Disponível em https://www.biblicalstudies.org.uk/pdf/gtj/02-2_239.pdf. Acessado em 03 de setembro de 2020.

DUNN, James. **A nova perspectiva sobre Paulo**. São Paulo: Academia Cristã, 2011.

_____. **Romans 1-8**. ePub Edition. Michigan: Zondervan, 1988.

_____. **The theology of Paul the apostle**. ePub Edition. Michigan: Eerdmans Publishing, 1998.

GUNDRY, Robert. **Panorama do novo testamento**. 3ª Edição. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HAHN, Scott. **Romans**. ePub Edition. Michigan: Baker Academic, 2017.

HART, John F. **Paul as weak in faith in romans 7:7-25**. Disponível em https://www.academia.edu/33483505/paul_as_weak_in_faith_in_romans_7_7_25. Acessado em 11 de março de 2020.

HENDRIKSEN, William. **Romanos**. 2ª Edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

JONES, Martyn Lloyd. **Romanos**: exposição sobre capítulos 7:1 - 8:4. São Paulo: PES, 2001.

KEENER, Craig. **A mente do Espírito**: a visão de Paulo sobre a mente transformada. São Paulo: Vida Nova, 2018.

_____. **Comentário histórico-cultural da bíblia**: novo testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

_____. **Romans**. ePub Edition. Oregon: Cascade Books. 2009.

KELLER, Timothy. **Romanos 1-7 para você**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KRUSE, Colin. **Paul's letter to the romans**. ePub Edition. Michigan: Eerdmans Publishing, 2012.

LEE, Jae Hyun. **Paul's gospel in romans**: a discourse analysis of rom 1:16-8:39. Boston: Brill, 2010.

LONGENECKER, Richard. **The epistle to the romans**. ePub Edition. Michigan: Eerdmans Publishing, 2016.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico grego-português do novo testamento**: baseado em domínios semânticos. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MATHEWSON, David; EMIG, Elodie. **Intermediate greek grammar**: syntax for students of the new testament. Michigan: Baker Academic, 2016.

MOO, Douglas. **Exegese, hermenêutica e teologia do novo testamento**. Ceará: Peregrino, 2018.

_____. **The letter to the romans**. ePub Edition. 2ª Edição. Michigan: Eerdmans Publishing, 2018.

_____. **Romans**: the niv application commentary. ePub Edition. Michigan: Zondervan, 2000.

MURRAY, John. **Romanos**: comentário bíblico. 3ª Edição. São Paulo: Fiel, 2018.

NICODEMUS. Augustus. **O poder de Deus para a salvação**: a mensagem de romanos 1-7 para a igreja de hoje. São Paulo: Vida Nova, 2019.

OSBORNE, Grant. **Romans**: verse by verse. ePub Edition. Washington: Lexham Press, 2017.

PALMER, D.V. **Romans 7 once**: Intertextual setting, structure, and rhetorical strategy. Disponível em https://biblicalstudies.org.uk/pdf/cjet/16_164.pdf. Acessado em 11 de março de 2020.

PATE, Marvin. **Romanos**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

PINTO, Carlos Osvaldo. **Foco e desenvolvimento no novo testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

PORTER, Stanley. **Paul**: jew, greek, and roman. Boston: Brill, 2008.

PORTER, Stanley; PANG, Francis. **The letter to the romans**: exegesis and application. Oregon: Pickwick Publication, 2018.

RAMOS, Diego. **"I" is for Israel**: the identity of ἐγὼ in romans 7:7-25. Disponível em https://www.academia.edu/12680002/i_is_for_israel_the_identity_of_%ce%95%ce%93%ce%a9_in_romans_7_7_25. Acessado 11 de março de 2020.

SCHAEFFER, Francis. **A obra consumada de Cristo**: a verdade de romanos 1-8. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

SCHREINER, Thomas. **Romanos 7 não descreve a sua experiência cristã**. Disponível em <https://coalizaopeloevangelho.org/article/romanos-7-naeo-descreve-a-sua-experiencia-cristae/>. Acessado em 27 de novembro de 2020.

SCHREINER, Thomas. **Romans**. 2ª Edição. Michigan: Baker Academic, 2018.

_____. **Teologia de Paulo**: o apóstolo da glória de Deus em Cristo. São Paulo: Vida Nova, 2015.

STOTT, John. **A mensagem de romanos**. São Paulo: ABU Editora, 2007.

STREET, Jay. **Romans 7: an old covenant struggle seen through new covenant eyes**. Disponível em <https://tms.edu/m/TMS-Fall2019-Article-05.pdf>. Acessado em 03 de setembro de 2020.

THIELMAN, Frank. **Romans**. ePub Edition. Michigan: Zondervan, 2018.

WESTFALL, Cynthia. **A discourse analysis of romans 7.7-25: the pauline autobiography?** Em PORTER, Stanley; O'DONNELL, Matthew. *The linguistic as pedagogue: trends in the teaching and linguistic analysis of the greek new testament*. Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 2009.

WALLACE, Daniel. **Gramática grega: uma sintaxe exegética do novo testamento**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2009.

WILDER, TERRY (Ed.). **Perspectives on our struggle with sin: three views of romans 7**. Tennessee: B&H Publishing, 2011.

WRIGHT, N.T. **Paulo: novas perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. **Paulo para todos: romanos 1-8**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.

_____. **Paulo: uma biografia**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018.

[1] É graduado em Processo Gerenciais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2014) com MBA em Controladoria e Finanças pelo Instituto Ateneu (2017). É bacharel em Teologia pelo Seminário e Instituto Bíblico Maranata (2021) e mestrando em Teologia Sistemática no Instituto Aubrey Clark.

[2] Há ainda aqueles que defendem que a passagem alude para a experiência de um cristão, mas ele ainda é imaturo. Quando consideramos o peso dos argumentos e a luta travada nessa passagem, o que emerge é o retrato de uma pessoa regenerada, mas espiritualmente fraca, imatura, que está tentando viver a vida cristã com base na lei (HART, 2013). Contudo, é uma posição que não tem ganhado adeptos na academia.

[3] Há ainda quem defenda que Romanos 7 não diz respeito, primariamente, a experiência cristã ou não cristã. Na verdade Paulo está avaliando a antiga aliança pelos olhos da nova aliança e mostrando nesta passagem que ela não é mais válida para o cristão moderno. Assim, a lei e suas ordenanças da antiga aliança não desempenham

Quem sou eu? Quatro Perspectivas sobre o ἐγὼ de Romanos 7. 14-25

nenhum papel na santificação de um cristão (STREET, 2019, p. 299). Esta posição elabora bons conceitos e que são relevantes para uma defesa até mesmo da posição do “eu” como regenerado.

[4] Como mencionamos na introdução, há outras posições interpretativas do “eu” de Romanos 7:14-25 que acabam sendo ramificações destas. Não é o objetivo desse trabalho passar por todas, mas pelas principais.

[5] Nesse capítulo utilizaremos algumas expressões em grego, conforme o escrito original da carta aos Romanos. Estamos nos valendo das edições *The greek new testament: reader's edition*. Tyndale House, Cambridge, 2017 e *Novum testament graece*. 28ª Edição. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018. Sobre os apontamentos e usos dos verbos no perfeito e presente utilizamos três gramáticas. DECKER, Rodney. *Reading koiné greek: an introduction and integrated workbook*. Michigan: Baker Academic, 2014. MATHEWSON, David; EMIG, Elodie. *Intermediate greek grammar: syntax for students of the new testament*. Michigan: Baker Academic, 2016. WALLACE, Daniel. *Gramática grega: uma sintaxe exegética do novo testamento*. São Paulo: Editora Batista Regular, 2009.